

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Janaína Silva dos Santos

PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES
EM SITUAÇÃO DE RUA

Porto Alegre
1. Semestre
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Janaína Silva dos Santos

PROCESSOS EDUCATIVOS DE MULHERES
EM SITUAÇÃO DE RUA

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Porto Alegre

1. Semestre

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho concluído a todas as mulheres do mundo, que de onde quer que estejam, são quem trazem ao mundo as sementes de uma vida melhor. Que estas palavras possam servir como instrumento de percepção destas presenças invisíveis que são as mulheres estão em situação de rua. Em especial as miríadas entrevistadas, Tulipa, Margarida e Benjamim.

AGRADECIMENTOS

Aos ancestrais, que desbravaram o caminho,

A meu pai pelo exemplo de que é possível promover a própria mudança;

À minha mãe que dedica sua vida de mulher trabalhadora a proporcionar as filhas e netos, educação em todos os sentidos. Pela sua coragem, determinação, cuidado e amor.

A doce Betânia, companheira de jornada, luz da minha existência, meu agradecimento eterno, pelos dias de amor e luz que sua presença trouxe a minha vida.

Aos amigos de todas as horas, que com suas mãos estendidas sempre me ampararam nesta jornada.

Aos colegas do Centro POP, que me desafiam cotidianamente a auto educar-me.

RESUMO

Quando falamos em pessoas “em situação de rua”, deparamo-nos com imagens cristalizadas de homens e mulheres que pertencem àquele espaço. É de fundamental importância o reconhecimento dos processos que levam as pessoas a “estar” em situação de rua, o que nos remete a movimentos ligados ao modo de produção econômico-social vigente. Chama a atenção que neste segmento populacional já tão marginalizado, as mulheres e suas questões específicas ainda são menos visíveis. Sendo assim, neste trabalho de conclusão, torna-se relevante problematizar as vivências das mulheres que estão em situação de rua e as ofertas educativas à que tem ou tiveram acesso, verificando os possíveis impactos destas em suas realidades. Com foco no município de Porto Alegre, perguntamos: Quais propostas educativas são vigentes? Quais as políticas públicas neste campo, em específico para estas mulheres, e qual sua finalidade? Para a realização da pesquisa entrevistamos três mulheres em situação de rua, com o intuito de conhecer suas experiências educativas e as percepções que as mesmas têm sobre si e os saberes construídos ao longo de suas vidas. Ao analisar suas histórias, dialogamos com suas expectativas e esperanças, entendendo que elas utilizam os serviços sócio-assistenciais como ponto de ancoragem para sua organização pessoal e tentativa de superação de suas vulnerabilidades, integrando-se a projetos educativos diversos.

Palavras-chave: Mulheres em situação de rua- Educação- Políticas públicas

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. PASSOS DO CAMINHO: considerações sobre a metodologia da pesquisa e orientadores do meu pensar.....	8
2.1. O Centro POP	8
2.2. As mulheres e os procedimentos.....	9
2.3. A temática: a situação de rua de mulheres	14
2.4. Quem orienta meu pensar?	21
3. REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA E PROCESSOS EDUCATIVOS: análise dos dados.....	24
3.1. Processos educativos e os direitos humanos	28
3.2. Processos educativos formais: o mundo do trabalho	29
3.3. Processos educativos de superação da situação de rua.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Há mais de uma década trabalho na cidade de Porto Alegre como servidora municipal estatutária atuando, desde então, como Educadora Social. Em minha trajetória profissional, tenho atuado em diversos setores de atendimento da rede de Assistência Social deste município (Abrigos adultos e infantis, Centros comunitários, Abordagem social de crianças, adolescentes e adultos, Serviço de convivência para moradores de rua adultos). Sou educadora, formada no Curso Normal desde 1993. Nos espaços de trabalho, sempre busquei desenvolver relações mais humanizadas com as pessoas as quais presto atendimento, bem como aos colegas de trabalho. Observo que a temática, por mim abordada neste momento de conclusão de curso, é coerente com as experiências pessoais e profissionais do viver, do meu cotidiano.

Ao longo do estágio docente, realizado no segundo semestre de 2013 em uma turma da EJA, entrei em contato com as narrativas de vida dos alunos e alunas. Esta experiência, junto com a reconstrução permanente de minhas próprias narrativas, produziu em mim o desejo de registrar as histórias de mulheres, que a meu ver, por estarem em situação de rua, tornam-se “invisíveis”, escondidas nesta condição. Esta invisibilidade, em determinados momentos, pode atuar como forma de proteção da própria vida. Não aparecendo, vestindo-se com roupas masculinas para serem confundidas com homens, no caso das mais jovens, serve como uma forma de proteger-se. Neste caso, a invisibilidade lhes interessa, pois quando vistas, podem ser hostilizadas, seja pelos outros, seja pelo poder público. Na maioria das vezes, isto significa que um segmento populacional tão marginalizado, reproduz sua exclusão, a fim de defender-se do contexto vivido que não lhes é favorável. Muitas vezes esquecidas de si mesmas, de suas origens, poderes, memórias, tornam-se ainda mais alheias ao exercício de sua cidadania e dignidade humanas. Ao atender

e conversar com as mulheres no Centro POP¹, escuto suas histórias e, em muitas delas, fiquei refletindo sobre os modos como a saída (ou o pouco tempo de permanência) da escola vinculava-se à sua permanência na situação de rua. No exercício cotidiano de meu trabalho no Centro Pop, chamou-me a atenção a fala de diversas mulheres, que expressaram sua vontade de retornar aos estudos, ou investir em algum tipo de formação profissional. Na maioria dos casos atendidos, estas vontades não se tornaram realidade. Pergunto-me então, quais fatores corroboram para a não realização destes desejos? Onde estão as mulheres que vivem nas ruas? Quais as dificuldades de identificá-las? Onde e por que se tornam invisíveis? Que motivos as levam a demora na busca por espaços de proteção e exercício de direitos básicos, mesmo quando estão em situação tão precária como a “vida na rua”?

Este trabalho está organizado em capítulos, contendo as diversas fases vivenciadas para sua concepção e execução. Primeiramente, apresento as motivações que me impulsionaram a realizá-lo, as escolhas metodológicas, bem como a caracterização do grupo pesquisado.

O segundo capítulo, apresenta os principais conceitos estudados, a partir das referências teóricas. No terceiro capítulo apresento a reflexão sobre os dados, tecendo relações-teórico-práticas sobre o vivido. Apresento, portanto, as análises das entrevistas e reflexões desencadeadas desde então.

Por fim, reinterpreto o vivido apresentando as considerações finais deste trabalho de conclusão, em consonância com uma trajetória profissional que se constrói a cada instante.

¹ Centro POP: Serviço especializado de atendimento às pessoas em situação de rua no município de Porto Alegre, mantido pela FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania).

2. PASSOS DO CAMINHO: considerações sobre a metodologia da pesquisa e orientadores do meu pensar

2.1. O Centro POP

O Centro POP é um equipamento da rede básica de atendimento social de Porto Alegre. Oferece serviços básicos aos sujeitos adultos e suas famílias, que estão em situação de rua no município. Seu horário de funcionamento é diurno (8:30 às 18:00) de segunda a sexta-feira. Entre estes serviços podemos destacar: oferta de espaço para realização de higiene pessoal, lavagem de roupas, alimentação, acesso às informações sobre documentação e confecção de documentos, encaminhamentos para albergues e outros equipamentos de proteção, assim como se propõe a servir como primeira entrada ou travessia dos indivíduos para atendimento em outras políticas públicas vigentes em nosso país, que contribuam na superação das vulnerabilidades apresentadas.

Importante salientar que o projeto do Centro POP apresenta como uma das práticas da equipe, valorizar os processos educativos que as situações do cotidiano apresentam. Sendo assim, o Centro oferece oficinas culturais e proporciona grupos de trabalho (acolhida, assembleias, outros) que proporcionam espaço de reflexão e trocas, para que cada sujeito (re)pense sua situação e possa encontrar caminhos de alteração da mesma. Nosso espaço serve como redutor de danos e protetor dos sujeitos. Enquanto eles estão ali, de certa forma, preservam-se do uso de substâncias psicoativas, das atividades ilícitas e exposição demasiada a situações de risco. Realizam pausa para organizar-se internamente, inclusive.

Como trabalhadora neste espaço, indago-me sobre o quão educativo é para as pessoas irem até o Centro POP? Esta pergunta é feita semanalmente nas

reuniões de equipe do Centro, pelos trabalhadores ao discutirem sua prática de trabalho. Às vezes pensamos que nosso trabalho demora em produzir modificações nos sujeitos, que eles frequentam o Centro por anos e anos e nada parece mudar. Porém, quando conseguimos nos deslocar no tempo e no espaço e olhar para os sujeitos que por ali passam, acompanhando suas trajetórias no mundo “lá fora”, percebemos que o acesso às informações básicas sobre saúde, por exemplo, leva os sujeitos a modificarem suas atitudes fora dali, fazendo tentativas de reconquista do espaço social e na luta por direitos. Percebemos que a oferta de atividades socioculturais, que incluem saídas do Centro POP para atividades culturais e significativas que ocorrem na cidade, é apreciada pelos usuários, que se sentem valorizados em seus saberes o que fortalece sua estima para prosseguirem na luta por direitos.

2.2. As mulheres e os procedimentos

Quando idealizei a realização deste trabalho, imaginei minha pesquisa retratando as histórias de três mulheres de diferentes idades, que vivem em situação de rua, na cidade de Porto Alegre. Via-me como contadora destas histórias de vida. Meu desejo era problematizar os elementos que elas apresentassem como singulares ou coletivos em suas narrativas, focando em suas experiências educacionais dentro e fora do espaço escolar.

Para coletar os dados dialoguei com três mulheres, individualmente, realizando entrevistas individuais semiestruturadas, gravadas, com as mesmas, para conhecer suas vivências e experiências. Realizei observação participante, no cotidiano do Centro POP, para ampliação das percepções dos sujeitos pesquisados. Conforme Spíndola e Santos, as “histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e atua no mundo e no grupo do qual ele faz parte” (p. 07, 2003). Estas autoras articulam as histórias de cada um com os movimentos da sociedade. Nesta análise complexa, cada vida é única, mas nosso viver só existe em relação ao grupo e ambiente que está ao nosso redor. Portanto, consideram que “o método das

Histórias de Vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito” (SPÍNDOLA e SANTOS, p. 121, 2003).

Assim, esse método é necessariamente histórico (a temporalidade contida no relato individual remete ao tempo histórico), dinâmico (apreende as estruturas de relações sociais e os processos de mudança) e dialético (teoria e prática são constantemente colocados em confronto durante a investigação) (BRIOSCHI e TRIGO apud SPÍNDOLA e SANTOS, p.121, 2003)

Em um primeiro momento pensei que as Entrevistas Narrativas, poderiam ser mais adequadas ao tipo de pesquisa idealizada, mas ao estudar um pouco mais profundamente sobre as mesmas, percebi que a interferência do pesquisador deveria ser mínima durante sua realização. Como estava/estou inserida no mesmo tempo/espaço no qual obteria informações, pensei que, provavelmente, não conseguiria manter uma distância “protocolar” das entrevistadas. Pareceu-me então, que realizar entrevistas individuais, com perguntas e roteiro semiestruturado, combinando com antecedência os seus propósitos, seria mais adequado para obter as informações que necessitava para a realização deste trabalho de conclusão.

A temática da pesquisa, que agora se materializa, foi uma construção de muitos anos eu diria. Ser uma mulher trabalhadora, negra, que se divide entre o trabalho para o sustento próprio e familiar, a maternidade, e os estudos, por si só, já é material suficiente para me fazer pensar nas condições de existência das pessoas, e em especial das mulheres. Nasceu daí, a necessidade de escrever sobre mulheres: da insatisfação das invisibilidades no mundo em que vivo. Olhar para mim e para os outros, conhecer suas histórias, seu modo de ser e viver, é parte de meu modo de existir. Atuo no mundo em que vivo, buscando transformar a mim e a ele.

Compreendo que a pesquisa com abordagem qualitativa busca, além de obter dados sobre determinado tema, qualificar essas informações, enriquecendo as possibilidades de entendimento do real apresentado. Portanto, “o emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação.” (GASKELL, 2002, p. 65).

Pelo tempo disponível para se escrever e apresentar o trabalho de conclusão, precisei delimitar o número de entrevistas a serem realizadas, a fim de conseguir realizar as transcrições e análises no tempo solicitado. Também considerei

fundamental conversar com as mulheres que estão vivendo nas ruas, para poder compreender o que as políticas públicas gestadas em nosso município, aliadas à ação de cada sujeito, podem propor para a alteração das condições de desigualdades e vulnerabilidades sociais e, em específico, na vida de cada uma delas.

Como estratégia de trabalho, observei as mulheres que frequentam o Centro POP 1, suas dinâmicas, seus movimentos, as relações que estabelecem no lugar, suas dificuldades e os conhecimentos que manifestam. Mesmo que a maioria das usuárias do Centro POP 1 sejam minhas conhecidas, dialogar com elas no âmbito da pesquisa exigiu perceber o momento de cada uma, bem como do coletivo. Se os companheiros estão ou não no espaço, naquele momento, também é fator a ser considerado, porque elas se sentem intimidadas por eles, nas suas atitudes e falas, na maioria das vezes. Nem sempre elas estavam disponíveis para conversar e/ou desejam fazê-lo. A característica acima descrita tem a ver com a própria dinâmica do viver/estar na rua e são extremamente variáveis. Estas observações são feitas no meu espaço de trabalho, mas não se restringe a ele. Observo os usuários e também trabalhadores que circulam naquele espaço. Mais do que tudo, penso ter sido fundamental para a realização deste trabalho, que as mulheres confiavam em mim a ponto de abrirem-se e contarem suas histórias de modo mais profundo (pois alguns detalhes gerais pela natureza do trabalho que exerço já me são familiares).

Penso que a observação participante estreitou alguns laços, aguçando meus olhares e percepções, me fornecendo novos elementos que contribuíram para pensar sobre os processos de superação das usuárias de suas condições de vulnerabilidades. O espaço da escuta individual é benéfico para que o pesquisado possa contar sua história de modo a se sentir confortável. A metodologia das entrevistas foi escolhida como facilitador para as recordações e organizador do pensamento. Foi criado um roteiro sobre o qual guiamos nossas conversas, estabelecendo marcos para que a mesma acontecesse.

Participaram da minha pesquisa, três mulheres em situação de rua, frequentadoras do Centro POP. Estas serão identificadas por nomes de flores, por elas escolhidas: Tulipa, Margarida e Benjamim. Planejei entrevistar mulheres de faixas etárias diversas, porém, dadas as questões acima referidas, dialoguei com mulheres de 24 a 36 anos. A afinidade e a disponibilidade de tempo coincidente

com meu horário de trabalho, também foram critérios de escolha. Cabe destacar que realizei a pesquisa nas dependências do Centro POP 1, localizado no bairro Menino Deus, na cidade de Porto Alegre.

Questão central: Como as mulheres em situação de rua concebem os seus processos educativos na escola e nas instituições que frequentam?

ROTEIRO ELABORADO PARA ENTREVISTA:

1. Contextualização

- a) Nome, idade, local de nascimento.
- b) Histórico familiar-configuração atual
- c) Tempo de vivência na rua
- d) Motivos para estada em situação de rua
- e) Dependências, doenças, tratamentos.
- f) Dificuldades de estar na rua
- g) Estratégias de sobrevivência

2. Experiências educativas ao longo da vida no âmbito escolar

- a) Sabe ler e escrever?
- b) Suas lembranças da escola que frequentou?
- c) Escolas que frequentou e por quanto tempo?
- d) Motivos de saída da escola? Como se sentia na escola?
- e) Cursos ou outras experiências de formação com vistas à formação profissional?

3. Experiência/vivências educativas no Centro POP;

- a) Há quanto tempo frequenta o Centro POP
- b) O que faz naquele espaço
- c) Que momentos ou atividades mais gostaram de participar no Centro?
- d) Que tipo de atividades gostaria de realizar no espaço?

4. Expectativas quanto ao seu processo de escolarização.

- a) Já pensou em retornar aos estudos? Por quê? Como seria uma boa escola?
- b) Desejos/planos para o futuro em relação ao trabalho/estudos?
- c) Outros comentários
- d) Existem coisas boas no viver na rua? Quais?

O objetivo de fazer tais perguntas foi o de aprofundar-me nas histórias de vida dessas mulheres, contribuindo na (re)construção de suas memórias; expressando suas vivências e possibilitando um fio condutor que me orientasse na compreensão das mesmas e de suas trajetórias. Conversar com as mulheres é diferente de assumir uma postura autoritária de seguir um roteiro fielmente. Ao transcrever nosso diálogo percebi as diferenças do uso da linguagem quando falamos e a norma culta de escrita. Na segunda entrevista, repeti a frase: “*me diz uma coisa*” inúmeras vezes, o que só percebi depois de ter realizado a mesma.

A experiência de realizar uma pesquisa, uma produção acadêmica na qual foi preciso demonstrar o que aprendi e vivi ao longo do curso, foi muito valiosa. Olhar atentamente para os momentos vividos, escolher caminhos, observar quais as possibilidades que estiveram presentes em cada encontro com as mulheres, trouxeram-me alegrias e desafios. Os sentimentos são múltiplos e variados, características de todo ser humano que se encharca do seu cotidiano. Tal qual criança com brinquedos novos, descobri o gravador e como usá-lo. Fiquei sem dormir, algumas vezes, ao pensar em como escrever este trabalho. Vibrei com ao ouvir cada mulher contando sua história.

Ao longo dos meses de realização do trabalho, a vida andou depressa, galopante. A vida nos prova diariamente: ora o TCC, ora a greve dos funcionários municipais de Porto Alegre. Com esta última, veio a quebra de rotinas no Centro POP, as caminhadas da categoria, a luta por direitos dos trabalhadores, a demora e a falta de espaço para realizar as entrevistas, as incertezas e certa exaustão. Porém, neste misto de sentimentos, quero destacar o encontro com as mulheres como um momento bom de surpresas e emoção. Como me propus entrevistar as mulheres dentro do espaço do Centro POP, durante doze dias, não entrei no espaço e isso dificultou também o encontro com as mulheres usuárias do Centro. Encontrei algumas delas nos percursos da greve, mas a rua não é muito acolhedora para este tipo de entrevista. Nos últimos dois dias, com a incerteza sobre o tempo de duração da greve e o prazo do TCC se escoando, fui para o território das ruas e realizei uma das entrevistas com uma usuária na Praça Garibaldi, também localizada no bairro Menino Deus, bem próxima ao Centro POP.

Dentre as dificuldades, além das já citadas, houve o desafio da tecnologia: a máquina “zombou” de mim. A primeira entrevista não foi registrada, porque eu não

soube como ligar o gravador. A entrevistada se dispôs a repetir a entrevista, mas não encontramos tempo hábil para refazê-la. Para fins de análise, considerei as três entrevistas gravadas.

2.3. A temática: a situação de rua de mulheres

A fim de conhecer a produção acadêmica sobre o tema que propunha, fiz uma busca, a partir do termo “mulheres” para pesquisas no LUME² e Scielo³. Com o objetivo de refinar a busca, adjetivei o termo com a caracterização do que entendo ser a representação mais adequada, observando a multiplicidade de formas de sermos/narrarmos a existência e as experiências do ser mulher. Portanto, meu interesse era encontrar trabalhos que versassem sobre “mulheres em situação de rua”, tendo em vista as escolhas teórico-metodológicas que havia feito. Não existe um tipo único que represente a todas, cabendo então à realização desta pesquisa com o termo no plural. Outra questão é o fato de que compreendemos a vivência na rua como transitória, por isso o uso do termo “situação de rua”.

Ao realizar pesquisa no LUME, percebi que existiam poucos trabalhos sobre “mulheres em situação de rua” e as políticas públicas voltadas à Educação, neste contexto. As mulheres são abordadas de forma geral, em meio à discussão dos direitos humanos das mulheres. Dos trabalhos encontrados, apenas quatro tratavam sobre questões relativas aos processos de realização de mulheres e, mesmo assim, seu foco sempre estava voltado para questões, que não propriamente as de gênero, com exceção de um deles. Nascimento (2010) apresentou, em trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia, o estudo de caso de uma jovem moradora de rua, tratando de sua inserção no território escolar.

² Repositório Digital da UFRGS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/>

³ Scientific Electronic Library Online. Disponível em: www.scielo.br. A busca foi feita por meio do Google Acadêmico e selecionados artigos contidos neste portal.

PESQUISA REALIZADA NO LUME			
INDEXADOR: MULHERES			
TITULO	AUTOR	ANO	CURSO
Respostas cardiorrespiratórias de seis exercícios de hidrogenástica realizados por mulheres pós-menopáusicas	Almada, Bruna Pereira	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
Relação entre índice de massa corporal e a insatisfação com a autoimagem em mulheres praticantes de musculação	Parisotto, Carolina Dias	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
O futebol feminino no discurso de homens estudantes de educação física	Trepte, Paula Flores	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
Uma análise sobre a representatividade das mulheres nos cargos gerenciais das agências do Banco Alfa situadas em Caxias do Sul-RS	Scopel, Cleoni Xavier de Lima	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Administração.
Futsal também é coisa de mulher : por que será que elas o praticam?	Souza, Marinês Matter de	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
O efeito agudo de duas sessões de complex training no desempenho do salto vertical	Carvalho, Felipe de Amorim	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
Gênero em uma indústria de utensílios doméstico : um estudo de caso	Silva, Meri Diana Medeiros da	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Psicologia Organizacional.
Habilidades motoras específicas do futebol : um estudo comparativo entre diferentes categorias e posições	Ramos, Suellen dos Santos	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
A natação em Porto Alegre : do rio Guaíba às piscinas dos clubes	Padilha, Gabriela Machado	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
Os significados de ser	Buchmann, Carolina	(2009)	Universidade Federal do

torcedora para integrantes do núcleo de mulheres gremistas	Butzke		Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
Caracterização da violência contra a mulher divulgada na mídia gaúcha	Ferrão, Maura da Silveira Pia	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Enfermagem.
A construção de uma ironwoman : a trajetória esportiva de Verônica Bardini	Neves, Felipe Bastos	(2009)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
Comportamento de consumo de mulheres clientes do Banco do Brasil	Petik, Ivanio Joarez	(2009)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Especialização em Gestão de Negócios Financeiros a Distância - Turma 2008.
Representações e percepções do corpo das mulheres alcoolistas	Fagundes, Ana Amélia Lemos	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Curso de Especialização em Saúde Pública.
Futebol feminino : apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade	Feijó, Carine Fraga	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
Ascensão profissional da mulher nos quadros gerenciais de uma agência bancária da região noroeste do Paraná	Delgado, Ronie Peterson	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Especialização em Gestão de Negócios Financeiros.
Força de reação do solo de diferentes exercícios de hidroginástica realizados por mulheres jovens	Bagatini, Natália Carvalho	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
Gênero e cooperativismo : a participação das mulheres nas cooperativas de trabalho	Bueno, Paulo Fernando Zanardini	(2001)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado.
Quando amar é um problema : os significados de amar demais a partir do	Silva, Juliana Ben Brizola da	(2008)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e

MADA			Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado.
Violência perpetrada contra a mulher pelo seu parceiro íntimo : uma análise sobre os estudos empíricos na realidade brasileira	Dresch, Gabriela	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Curso de Especialização em Psicologia Clínica, ênfase em Terapia Cognitivo-Comportamental.
Análise da evolução dos estereótipos de gênero e suas relações com a desigualdade econômica e social no Brasil	Nunes, Débora Machado	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Ciências Econômicas.
Que rosa nada, elas usam é azul! um estudo sobre a participação das mulheres na Torcida Jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense	Menegoto, Francine Morim	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
A percepção das consumidoras de sex shop na cidade de Porto Alegre	Susin, Lucas Visentin	(2008)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Administração.
Mulher e trabalho no Brasil : características, avanços e permanências (1960 – 2009)	Autor Vieceli, Cristina Pereira	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Ciências Econômicas.
Percepção de atributos nos jogos eletrônicos pelo mercado feminino : I uma análise crítica dos jogos da Tectoy Desenvolvimento Digital	Osvald, Erik William	(2009)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Administração.
Um olhar sobre a educação não formal e os grupos de mulheres rurais	Stein, Teresinha Lunkes	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Curso de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural a Distância.
Diadorim, Nhorinhá e Otacília : o feminino em Grande Sertão: Veredas	Alves, Cristiane da Silva	(2008)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Curso de Letras: Licenciatura.
A criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul : projeto e campo de possibilidades na Porto Alegre da década de 1940	Petró, Camila Albani	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de História: Licenciatura.

PESQUISA REALIZADA NO LUME			
INDEXADOR: RUA			
TITULO	AUTOR	ANO	CURSO
A escola da rua	Ferreira, Daniel Mateus Leivas	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Especialização em EJA e Privados de Liberdade.
Atenção e cuidado aos habitantes da rua : perspectivas enunciadas pelo Consultório na Rua	Müller, Guilherme de Souza	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Saúde Coletiva: Bacharelado.
Dez anos do jornal Boca de Rua : as representações sociais de não vitimização	Canalli, Mônia	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo.
"A corrida mudou minha vida!" : emoções, motivações e hábitos de consumo de corredores amadores	Stapassoli, Marco Bampi	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Administração. Curso de Administração.
A mulher jovem nas ruas : seus mecanismos de resistência, suas construções socioculturais e o papel da EMEF Porto Alegre como território de assistência, referência e emancipação	Nascimento, Patrícia Ribeiro do	(2009)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia: Licenciatura.
Educação sobre drogas junto à população em situação de rua	Zwetsch, Binô Maurá	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva.
A dança de rua em academias e escolas de dança de Porto Alegre : do início até a atualidade	Porto, Natália Athayde	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Licenciatura.
Referência e enunciação : um estudo de relatos institucionais sobre crianças e adolescentes em situação de rua	Bernhard, André Barbosa	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Curso de Letras: Licenciatura.
Fragmentos de uma metrópole	Kuhn, Andreia	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de Especialização em Educação em Saúde Mental Coletiva.
A arte e a inclusão em EJA : projetos na Escola Municipal Porto Alegre/RS	Santos, Elaine Reg		Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Curso de

			Especialização em Pedagogia da Arte.
A abrigagem de "moradores de rua" : um estudo sobre as trajetórias de exclusão e expectativas de reinserção	Arrá, Adriano Silva Nazareno	(2009)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado.
Dança de rua : a dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos	Santos, Analu Silva dos	(2011)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
Eixo voluntários	Becker, Sandra Helena Lehnen	(2008)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Curso de Arquitetura e Urbanismo.
O autocuidado e utilização da terapia antiretroviral da população adulta portadora de vírus HIV em situação de rua : revisão bibliográfica	Silva, João Paulo Zimmermann	(2010)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Enfermagem.
Relação entre dor lombar, comprimento muscular e alterações posturais em corredores de rua com diferentes tempos de prática	Selau, Bruna Lima	(2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Curso de Educação Física: Bacharelado.
A relação entre a política de albergagem e as pessoas em situação de rua : conflitos e diálogos no contexto de Cachoeirinha-RS	Vitório, Rodrigo Paniz	(2012)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Ciências Sociais: Bacharelado.

Perguntei-me o porquê da temática da exclusão das mulheres e de suas necessidades específicas, no caso da situação de rua, serem tão pouco referenciadas. Penso que este fato se deve a pouca visibilidade de algumas das violações de direito e seus desdobramentos, no caso das mulheres em nossa sociedade, ainda organizada de forma machista e patriarcal. Em tempos de culturas globalizadas, em que vige a ideia de que somos “todos(as) iguais”, percebemos que as mulheres, independentemente do grupo sócio-econômico-cultural a que pertençam, ainda estão sobrecarregadas por duplas ou triplas jornadas de trabalho, submetidas à violência, humilhação e mortes. Além destas constatações, podemos dizer que algumas destas violações, são pouco referenciadas porque se tornam naturalizadas ou invisíveis.

A temática por mim escolhida para aprofundamento envolveu uma análise sobre a garantia do Direito à Educação, para mulheres em situação de rua. A

elevação da escolaridade, certamente é um dos fatores importantes para a superação de vulnerabilidades sociais, no contexto brasileiro. Quais fatores podem possibilitar ou impedir iniciativas que promovam esta elevação de escolaridade entre as mulheres que estão em situação de rua?

O desejo de conhecer e refletir sobre quais as políticas públicas que pensam/organizam/ofertam projetos educacionais, em específico para as mulheres em situação de rua em Porto Alegre, foi uma das motivações que geraram este trabalho de conclusão de curso. Perguntei-me se as políticas e programas ofertados estão em sintonia com a realidade destas mulheres, se as mesmas aderem a estas ou não e os motivos para tal. No campo da prestação de serviços sociais no município e em especial no Centro POP, detive-me em perceber e analisar como elas narram e identificam as propostas educativas no dia a dia do Centro? Que sugestões têm para contribuir com o espaço que frequentam para sua própria formação?

Sendo assim, passo a destacar os objetivos deste trabalho de conclusão:

OBJETIVO GERAL:

Conhecer e refletir sobre processos educativos vivenciados por mulheres em situação de rua, partindo de suas narrativas pessoais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- * Problematizar as experiências educativas vivenciadas por mulheres em situação de rua e a garantia do Direito à Educação;
- * Conhecer as percepções sobre si mesmas, bem como os saberes e conhecimentos que possuem/produzem/narram, mulheres em situação de rua;
- * Dialogar com mulheres em situação de rua sobre as ofertas educacionais do/no Centro POP e nas escolas públicas em Porto Alegre;
- * Identificar e refletir sobre fatores que contribuem /dificultam o retorno à escola ou à formação profissional;
- * Discutir temáticas que contribuam para a formulação de políticas públicas voltadas às mulheres em situação de rua.

A pesquisa realizada adotou a abordagem qualitativa, tendo como procedimento metodológico, as entrevistas. Segundo Robert Farr (1982) a entrevista

é “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista.” (FARR, 1982 apud BAUER e GASKELL, 2003)

Logo após as entrevistas, comecei a transcrição literal das mesmas. Por não estar habituada a tal tarefa, demorei-me bastante nos primeiros quinze minutos. Após conversa com minha orientadora, passei a transcrevê-las de outra maneira: ouvia detalhadamente cada entrevista e destacava, apenas, os momentos de relevância para o tema pesquisado, anotando expressões ou palavras-chave, bem como escrevendo comentários-síntese sobre as mesmas. No caso, também destaco momentos em que a fala das entrevistadas se tornou tão marcante que as cito literalmente neste trabalho.

A análise das entrevistas realizadas deu-se por recorrência das respostas analisando suas semelhanças e reflexão sobre as mesmas, a partir do referencial teórico e da compreensão de que o ser humano é formado por diferentes cruzamentos (emocionais/ genéticos /mentais/ sociais).

2.4. Quem orienta meu pensar?

Saber da existência de “mulheres em situação de rua” em Porto Alegre, passando por violação permanente de direitos, me faz querer problematizar e contribuir para tornar visível esta realidade, os modos de viver e pensar destas mulheres, seus sonhos, dificuldades e, também, as estratégias por elas encontradas para a sua sobrevivência cotidiana. Defini-las como pessoas que “estão” em situação de rua contrapõem-se a apresentá-las como sendo “da rua”. Nenhum ser humano quer pertencer aos espaços onde seus direitos são violados, mesmo que tenha feito deles seu território, que seus processos identitários estejam neles e que as relações de sobrevivência/sociais/afetivas tenham se constituído em determinado tempo/espaço. Esta situação do permanecer “na rua” reflete profundas desigualdades econômicas/sociais e culturais vigentes na sociedade brasileira. Estar nesta condição, revela processos que estão em movimento, podendo sinalizar a transitoriedade na vida e dos sujeitos que ali estão. Podemos dizer ainda, sobre esta caracterização, que “estar na rua” implica necessariamente na violação constante

dos direitos básicos, garantidos por lei, a todos os cidadãos em nosso país, como o de acesso à moradia e alimentação.

Em Prates e Machado, encontro referências para compreender que Estar em situação de rua ou habitar a rua é diferente de ser de rua. Vista como determinação, uma situação social pouco apresenta em termos de perspectivas de superação. O termo *processo de rualização* “parte de uma concepção oposta, na medida em que o reconhece como processo social, condição que vai se conformando a partir de múltiplos condicionantes, num *continuum*” (PRATES e MACHADO, 2011, p. 194 apud MACHADO, 2012, p. 14), razão pela qual os “processos preventivos e a intervenção junto àqueles que estão ainda há pouco tempo em situação de rua parecem ser fundamentais para que se logre maior efetividade em termos de políticas públicas” (PRATES e MACHADO, 2011, p. 194 apud MACHADO, 2012, p. 14). Estas considerações das autoras, de certa forma, aparecem no depoimento de uma das entrevistadas

J- Que é ser uma moradora de rua nas tuas palavras?

B- Pra mim ser moradora de rua é uma usuária de rua.

J- Alguém que está usando a rua, que vai sair da rua?

B- Sim.” (Benjamin, 31 anos)

A partir dos estudos realizados, compreendo que a estada na rua é um processo social, condição esta que vai se conformando a partir de múltiplos condicionantes. (MACHADO, 2012)

No Brasil, a política nacional para inclusão social das populações em situação de rua é bastante recente, teve sua aprovação em maio de 2008, embora o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) (2006) já contemplasse esse segmento nos programas e serviços contidos na Proteção Especial de média e alta complexidade. Conforme a Política, essa população é definida como aquela que “[...] faz das ruas seu espaço principal de sobrevivência e de ordenação de suas identidades” (BRASIL, 2008).

Este grupo populacional (das pessoas em situação de rua) é heterogêneo,

possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a existência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e áreas degradadas como espaço de moradia e

sustento de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (BRASIL, 2009, p. 1)

Para este trabalho de conclusão, que busca pensar o caso específico das mulheres em situação de rua, é de fundamental importância o reconhecimento de que os processos de construção de conhecimento ocorrem em todos os espaços, indo muito além dos espaços considerados formais. Compreendemos como um processo por tratar-se de uma educação movente, que é dinâmica e atua em diferentes sentidos. (BRANDÃO, 2005; FREIRE, 1983; TORRE e MORAES, 2004)

Em Paulo Freire compreendemos que ensinar e aprender, é um processo dialógico. Os sujeitos humanos existem em determinadas temporalidades e espaços, relacionando-se com os outros sujeitos permanentemente, produzindo movimentos no tecido social. Como servidora municipal, presto atendimento aos segmentos mais empobrecidos da nossa cidade e aproprio-me das referências de Freire, para olhar o mundo que nos circunda, a fim de que sejam pensados modos de intervir nas múltiplas realidades, a fim de transformá-las. Conforme Freire, “ninguém ensina ninguém, mas ninguém aprende sozinho. As pessoas ensinam umas as outras, e elas aprendem umas com as outras. Cada um de nós de criança a gente bem velhinha sabe o seu saber.” (FREIRE, p. 62 e 63).

Sendo assim, educar é ato político, tem intencionalidades.

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade. [...] a educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado [...] Temos que saber o que fomos para saber o que seremos. (FREIRE, 1981, p. 27 e 33)

3. REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA E PROCESSOS EDUCATIVOS: análise dos dados

“Não é porque estou na rua que deixei de ser inteligente!” (Tulipa)

Uma hipótese de pesquisa que tomei como premissa é a de que a maioria das mulheres que está ou esteve em situação de rua, frequentou por um período de tempo muito pequeno a escola; ou nem teve acesso à mesma. Através do conhecimento das histórias de vida das mesmas, pretendia averiguar se elas faziam relação entre sua situação de realização e o pouco tempo de escolarização e as possíveis consequências desta situação na vida de cada uma.

Algumas semelhanças que surgiram nas narrativas das mulheres apontaram-me que as relações com a educação constituem-se como um campo de lutas que precisa ser instrumentalizado e movimentado. Nas falas aparece a pouca escolaridade autodeclarada das mulheres e a repetição de modelos/histórias familiares, porém, há surpresas. Hoje, nosso país investe em formação/inserção das classes populares no mundo do trabalho. Verificamos que para as mulheres que estão em situação de rua, as dificuldades de acessar formações profissionais oferecidas pelos programas públicos se devem em grande parte, à ausência de comprovação de escolaridade. Isto faz com que permaneçam em subempregos. Ainda hoje, cabe às mulheres cuidar da família, dos filhos, dos irmãos, dos pais ou companheiros, estes últimos, inclusive, muitas vezes, em cumprimento de penas (situação de prisão), o que também dificulta a sua permanência na escola.

Tendo em vista as entrevistas realizadas e as falas das mulheres, desenvolvi reflexões sobre três principais categorias: Processos educativos e Direitos humanos, Processos educativos formais e o mundo do trabalho, Processos educativos e construção da superação da situação de realização.

Pergunta feita	O que disseram?	O que me faz refletir?
Idade	Tulipa,* 41 anos (Tem 32 oficialmente).	Desconstrução de preconceitos;
	Margarida, 28 anos	A infância e juventude abandonadas
	Benjamim, 31 anos	Infâncias e a rua
Tempo vivências na rua	Dois anos	
	Oito anos	
	Mais de dez anos	
Motivos vida rua	Perdas familiares, drogadição, relacionamentos amorosos. TULIPA	A rua como escolha; a relação amorosa como prioridade.
	Histórico de institucionalização; vínculos familiares frágeis. MARGARIDA	Qual a atuação de nossos sistemas institucionais e suas perspectivas?
	Uso de drogas, escapadas com familiares para o centro. BENJAMIM	Vida comunitária sem atrativos para juventude
Experiências escolares	Escolas particulares, experiências na universidade. TULIPA	Sujeitos únicos com histórias singulares
	Pouca permanência na escola; escreve apenas o próprio nome. MARGARIDA	Sujeitos que passam invisíveis pela escola; falha de quem?
	Tentativas na comunidade onde mora até a 4ª série. BENJAMIM	Amizades, escola como espaço de conhecimento.
Vivências no Centro Pop	Recursos sociais, oficinas e saídas culturais, encontros. TULIPA	Equipe de trabalho com propostas diferenciadas.
	Realização de atividades básicas: higiene, alimentação, documentação. MARGARIDA	Importância do serviço ofertado.
	Espaço de alimentação, proteção, lazer, encontros. BENJAMIM	Reconhecimento do espaço como continência.

Perspectivas educacionais	Conhecer-se mais, estudar a vida na rua, terminar a faculdade. TULIPA	Todo lugar é passível de produzir conhecimentos
	Ir para uma escola com turmas de Eja; trabalhar. MARGARIDA	Estar onde o grupo de amigos frequenta dá segurança.
	Continuar trabalhando, tratar a saúde e ter uma casa própria. BENJAMIM	Estabelecer prioridades requer sabedoria.
Sugestões	Troca de saberes, inserção no mundo do trabalho através de parcerias. TULIPA	Como viabilizar as idéias dos usuários?
	Mais atividades esportivas. MARGARIDA	Necessidade de sistematizar as ofertas de atividades corporais no Centro POP.
	Atividades manuais troca de experiências, valorização do espaço. BENJAMIM	Fomentar as oficinas culturais.
Outros	Cuidados na infância, amizades na rua, temos inteligência! TULIPA	Marcas que ficam de vida familiar mais organizada, são carregadas para qualquer lugar.
	Situação de defasagem cognitiva. Desejo de estar em casa. MARGARIDA	Como proteger os sujeitos mais vulneráveis?
	Tomada de consciência de si, dificuldades de mudar velhos hábitos. BENJAMIM	Momento de cada vida de cada um, respeitar os tempos!

A fim de complementar a síntese da tabela acima, destaco a fala da entrevistada Tulipa, sobre a sua participação nas atividades do Centro POP 1. Destacou que: participa de quase tudo, lembrando-se que visitou a exposição de Sebastião Salgado, assistiu ao documentário sobre a vida do fotógrafo, foi ao cinema ver o filme o “O Tempo e o Vento”, participou de vários seminários na Assembleia Legislativa e foi madrinha da bateria do bloco de carnaval “Peregrinos do samba”.

Considera que falta um dia para Educação Física no Centro POP, pela importância do esporte. Sobre o que é ofertado, diz que tem artes e considera que tem “tudo que as pessoas precisam!” (Tulipa).

A entrevistada também falou de seu projeto de vida que é de fazer um Curso de Recepcionista de Eventos e depois, Informática, ofertados pelo PRONATEC. O alerta que ela faz sobre as dificuldades de realizar formação profissional é ponto de reflexão de minha parte também. Nos cursos fora do Centro POP, o preconceito das pessoas, a falta de apoio e a falta de referências, dificultam a permanência. A linguagem proveniente da vivência e a falta de alguém para dividir seus conhecimentos adquiridos, podem provocar evasão destes espaços. Sobre motivação para buscar estudos e trabalhos, relata não ter acabado nenhum curso superior. Deseja voltar para universidade, estudar Antropologia para entender as pessoas. Sonha com uma escola que tenha um novo olhar para o ser humano, mais compreensivo.

Em relação as coisa boas de viver na rua destaca: amizades, solidariedade e o cuidado quando está doente. Acha que os outros são mais humanos do que ela seria. Tulipa destaca a necessidade de qualificação das mulheres. Na vivência de rua, aprendeu a se relacionar com as pessoas, superar preconceitos e se conheceu mais. Em um dos momentos de sua fala, salienta

**“Eu sempre pensei que quem morava na rua eram tarados. Os tarados estão dentro de ternos e carros. Quem mora na rua não rouba de ninguém, pois não vai ter onde se esconder. São os que mais dividem o que tem. Eu nunca vi em nenhum grupo isso. E olha que eu já fui até escoteira. Tu nunca vai passar aquela necessidade básica. Antes eu só dava aquilo que eu não queria. Hoje eu vejo que se a pessoa só tiver uma coberta, ela corta e divide no meio...
(Tulipa)**

Destaca que quando foi rainha do bloco sentiu necessidade de ser um exemplo, ter uma postura. Considera que cada usuário deveria ter mais experiências ali dentro, mostrar o que sabe, seja o que for. Destacou a reforma que está

acontecendo no espaço do Centro POP 1 e que os usuários poderiam trabalhar ali. Tulipa salienta que os outros usuários veriam e dariam mais importância, em vez de pagar mão de obra terceirizada, pois o Centro é rico em oportunidades e pessoas com condições de realizar tais tarefas. Identifica o Centro como sua casa, seu espaço e então todos que fazem daquele lugar, sua casa, tem que ajudar na organização e manutenção do mesmo.

3.1. Processos educativos e os direitos humanos

“Eu só sei escrever meu nome.” (Margarida, 28 anos)

M- É que quando eu era criança eu não gostava de ficar no colégio.

J- Por que tu não gostavas de ficar no colégio?

M- É que eles começavam/tratavam mal. Dai eu saí...” (Margarida, 28 anos)

As três mulheres pesquisadas tiveram passagem pelo território escolar. Cada uma com experiências diversas. Poderia citar mesmo assim, que todas se referiram a momentos em que as vivências na escola foram atravessadas por situações de exclusão e marginalização. Reflito se estas lembranças estão na raiz da falta de desejo que demonstram atualmente pelo retorno à escola formal. Duas delas disseram que gostariam de retornar a escola, mas nenhuma com planos imediatos.

Também considerei, ao perceber que falavam da escola, que com intensidade citavam as atividades no Centro POP. Posso dizer que suas falas, traziam a necessidade de que na escola possamos assumir como conhecimentos válidos, informações sobre direitos básicos do cidadão e pensar em suas necessidades cotidianas. Hoje, tratamos pouco dos conteúdos voltados aos direitos humanos ou isto ainda é feito de maneira superficial.

3.2. Processos educativos formais: o mundo do trabalho

A questão da pouca escolaridade está diretamente ligada ao mundo do trabalho, que é um dos pontos que as três entrevistadas destacam como importante.

J- Agora tu voltou ao trabalho, tu pensa em retornar aos estudos? Ou fazer algum curso?

B- Olha primeiro eu quero lutar bastante pra eu ter uma casa própria, minha.” (Benjamin, 28 anos)

O diálogo com Benjamin faz pensar: O que vem primeiro? O sustento próprio ou a formação para alcançar postos de trabalho que permitam o sustento pessoal e familiar.

Tulipa lança a ideia do banco de currículo, da ajuda para encontrar empregos. Sugere a criação de cooperativas de trabalho e que o Centro possa ajudar na organização destas para a busca de emprego. Considera que as pessoas precisam de motivação, parceria e que o ser humano não foi feito para andar sozinho.

Um dilema que atravessa muitos cidadãos, principalmente os mais empobrecidos hoje é: dedicar-se a estudar ou ingressar no mundo do trabalho, para obter o sustento próprio e de sua família? Conceber as duas alternativas é tarefa para poucos. Mesmo quando existe um esforço conjunto dos governos federal, estadual e municipal, de incentivo à elevação da escolaridade e profissionalização da população, em especial os mais pobres, percebo, em específico com as mulheres que estão na rua, que elas não estão conseguindo acessar estas oportunidades. A relação entre a rede de atendimento às pessoas em situação de vulnerabilidade tem as suas próprias contradições a enfrentar. As que estão acessando os albergues, por exemplo, se estudam em escolas noturnas, têm que optar por deixar a escola, visto que os albergues tem horários rígidos de entrada de usuários para pernoite. Decidindo realizar alguma formação profissional, como os cursos ofertados pelo PRONATEC⁴, na maioria das vezes, não tem a escolaridade necessária para inscrever-se, ou não conseguem se manter somente com o auxílio transporte

⁴ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. Disponível em: pronatec.mec.gov.br.

fornecido para os cursistas e isto as impossibilita de concluir os cursos. Ocorre também das pessoas realizarem estas formações e, por continuarem em situação de rua (não tem endereço fixo/usam os dos serviços), não conseguem inserção no mercado de trabalho, o que não contribui para a superação de suas vulnerabilidades.

Interessante refletir sobre outra questão: a pesquisa realizada a escrita deste trabalho de conclusão, ocorreu na época em que o Brasil recebeu a Copa do Mundo da FIFA. Como fomos o país sede, e em Porto Alegre também recebemos jogos, impossível não relacionar este mega evento, com a situação das mulheres que estão na rua. Várias das usuárias, que frequentam o Centro POP, conseguiram trabalho em uma empresa prestadora de serviços, agora neste período, assumindo funções de limpeza das ruas. A existência deste grande evento proporciona tensionamentos entre os diversos segmentos da população e, ao mesmo tempo, dá a impressão que todos estão incluídos por terem um “trabalho”. Essa é uma das faces do capitalismo. Novamente inspirada em Paulo Freire, me pergunto por que somente esta empresa contratou pessoas em situação de rua? Será que essas pessoas, em especial as mulheres, não poderiam ser encaminhadas a outros empregos? A fragilidade nos vínculos trabalhistas e acesso a poucos direitos sociais mais uma vez coloca essa população inserida de forma precária na vida econômico-social.

3.3. Processos educativos de superação da situação de rua.

“A rua não é pra ninguém!” Benjamim 31 anos

J - Tu achas que o Centro POP, ou os serviços como o Centro POP são importantes pra pessoas que estão na rua?

B- Olha é importante. Aqui o Centro POP é bom porque as pessoas que são da rua entram pra tomar banho, ganham roupa, ganham café da manhã, alimento né. Eu saio com a barriga cheia, mas tem muitos que não dão valor né. (Benjamin, 31 anos)

J- Que atividades do Centro POP tu tens participado?

B- Eu participei da atividade de fazer música, de fazer brincos, de fazer pinturas, de fazer plantagens, e danças, e agora os artesanatos de fazer chaveiros.

J- Tu participou de alguns seminários enquanto tu tá vindo aqui. E alguma coisa que tu mais gostou de ter feito aqui no Centro POP?

B- Os Seminários. Ter frequentado com o pessoal todo do Centro POP e do Carnaval dos “Peregrinos de rua.” (Benjamin, 31 anos)

T-Agora aqui na rua já é diferente. Cada um tem um saber próprio.

J- Que são muito diferentes?

T- Agora eu estou lendo mais sobre pessoas na rua. Eu tava lendo um livro falando sobre resiliência. É a condição da pessoa na rua. Quando eu tenho tempo eu leio. Leio Pichon . Este tipo de literatura assim, eu curto. (Tulipa, 32 anos)

Todas as mulheres, em algum momento de suas falas, deixaram explícito que o espaço da rua não é um espaço de permanência. Todas têm sonhos de, em algum momento, terem suas próprias casas.

As três mulheres citaram a importância do centro POP em suas vidas, principalmente como um local em que suas necessidades básicas são minimamente atendidas. Higiene e alimentação são as ofertas mais citadas, mas a questão das atividades, encaminhamentos da equipe, e forma de relação presente também são fatores importantes para essas mulheres.

Mais interessante, ainda, é perceber que, as conversas com estas mulheres revelam conhecimentos e sabedorias que, num primeiro momento, olhando para seu aspecto exterior e a “situação de rua”, a elas poderíamos não atribuir. Tulipa nos chama a esta constatação, também quando diz que “o mais difícil era tu mostrar pro

mestre que tu perdeu a condição de aluno. Luno em grego seria luz, tu buscar a tua luz dentro de uma universidade e deixar de ser calouro” (Tulipa, 32 anos). Salienta ainda que

“Todo dia eu mais aprendo, acabo me lapidando. Na rua a gente acaba criando uma defesa, a gente acha que as pessoas que trabalham nos órgãos são culpadas de nossos problemas. Eu estou me reeducando” (Tulipa, 32 anos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres se sentem fortalecidas quando suas necessidades básicas são atendidas, por isso, é visível a relevância social e política de espaços como o Centro POP 1, a fim de que possam superar seus condicionantes, na luta por direitos, pois todas as mulheres entrevistadas mostraram desejo de sair da situação de rua. Reconhecem, com isto, a importância da rede sócio-assistencial na superação das suas vulnerabilidades, incluindo o direito à escolarização. Citam os próprios saberes e o compartilhamento deles, como instrumentos para alavancarem estas mudanças.

A conversa com as mulheres e minha experiência profissional, sugere que a rede de atendimento sócio-assistencial precisa reconhecer suas contradições e trabalhar para superá-las, dentre elas os horários rígidos de entrada e saída dos equipamentos e um projeto educativo integral para o atendimento dos usuários. Sendo assim, as políticas educacionais e outras voltadas à população em situação de rua necessitam adequação à realidade dos usuários. O Centro POP tem potencial para promover encontros e outros processos grupais que promovam o protagonismo das usuárias em situação de rua, porque pelas próprias mulheres é citado como lugar de ancoragem.

Nos espaços onde atuei como educadora social, a presença da Escola dava-se de diversas maneiras. Aparecia enquanto construção simbólica de identidades - a partir da frase: "Só é alguém quem tem estudo!" - no imaginário e discursos das pessoas, de maneira em geral. Sabemos que escolarizar-se pode contribuir para a superação das vulnerabilidades sociais, mas a escola não se constitui como único espaço para que isso ocorra. As políticas públicas tem como premissa que estar na escola é um direito de todos. A realidade nos mostra outras facetas.

No caso dos sujeitos institucionalizados, ou com frágeis vínculos afetivos /sociais, a escola mostra-se hostil, inadequada às demandas do momento de vida enfrentado por estes sujeitos. Muitas das pessoas em situação de vulnerabilidade

social têm dificuldade em manterem uma vida escolar organizada, abandonam ou são abandonados pela escola e não conseguem elevar sua escolaridade. Nas histórias a mim contadas, repetiram-se as falas que confirmaram meu pensamento: Quem por ora parece o mais feio, sujo ou diferente, é deixado de lado, humilhado por sua condição de marginalizado. Por sua vez é reforçada, então, a exclusão social.

Sendo assim, falar com as mulheres que conheci ao longo destes anos sobre suas histórias, surgiu como necessidade. Ao observar meu cotidiano de trabalho, fiz um recorte de gênero, focando meu olhar na trajetória de vida de algumas mulheres, frequentadoras do Centro POP. Que relações tecem entre suas experiências de educação, os seus processos de realização, e os desafios para superar esta condição é o que desejo compreender ao refletir sobre as histórias.

Após realizar as três entrevistas, fiquei motivada a escutar outras mulheres. Gostaria de contar, em detalhes, cada uma das histórias, compartilhar os momentos de vida, de alegria, de choro, de dor, que presencio cotidianamente. Dedicar meus sentidos a tecer ligações entre o ouvido/visto/sentido e o tema por mim pesquisado, é a trama por mim tecida ao escrever e apresentar minhas percepções sobre os processos educativos vividos e narrados pelas mulheres do Centro POP, neste trabalho de conclusão. Narrar e compartilhar as próprias histórias é também processo educativo, para as mulheres e para quem pesquisa tais temáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e palavras/ Carlos Rodrigues Brandão e Ana Maria Araújo freire- São Paulo: Editora UNESP, 2005. 152 p.
- BRASIL. Presidência da República, Decreto nº 7053, de 23 de dezembro de 2009. Política Nacional para População em Situação de Rua. Brasília, dezembro de 2009.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 14ªedição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ªedição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In.: BAUER, Martin W., _____ . **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. p. 64 - 89.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista narrativa. In.: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 5.ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2002. p. 90 - 113.
- MACHADO, Simone A. O processo de rualização e o sistema único de assistência social/suas: uma interlocução necessária entre proteção social básica e proteção social especial . 2012-131 páginas. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- SPÍNDOLA, Thelma, SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista escola Enfermagem USP**. 2003. 37(2). p. 119-26.
- MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários a educação do homem do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000.
- NASCIMENTO, Patrícia Ribeiro do. A mulher jovem nas ruas: seus mecanismos de resistência, suas construções socioculturais e o papel da EMEF PORTO ALEGRE como território de assistência, referência e emancipação. Trabalho de conclusão de curso, UFRGS-Pedagogia. Porto Alegre, 2010.
- ROHDEN, Huberto. Educação do homem integral. São Paulo: Martin Claret, 2007. 140 p.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS
ÁREA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Porto Alegre, 13 de maio de 2014.

SENHOR COORDENADOR,

Ao cumprimenta-lo apresentamos a V. Senhoria a universitária JANAÍNA SILVA DOS SANTOS, regularmente matriculada no Curso de Pedagogia.

Solicitamos permissão para que a aluna possa realizar entrevistas com três mulheres que frequentam o Centro POP (Prefeitura Municipal de Porto Alegre – FASC), para fins de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Vale mencionar que o comprometimento tanto da UFRGS como da aluna que ora se apresenta, é de respeitar valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto ao Centro POP estarão sob sigilo e que as reflexões oriundas desta prática de pesquisa, serão apresentadas à instituição em um momento de devolução, agendado previamente.

Desde já agradecemos sua atenção e cooperação.

Aline Lemos da Cunha
Professora Orientadora do TCC

Janaína Silva dos Santos
Orientanda

AUTORIZAÇÃO

Autorizo que a estudante JANAÍNA SILVA DOS SANTOS, regularmente matriculada no Curso de Pedagogia da UFRGS, realize entrevistas com mulheres que frequentam esta instituição, para fins de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Porto Alegre, 13 de maio de 2014.



Carlos André Bittencourt
Coordenador do CENTRO POP
(Prefeitura Municipal de Porto Alegre – FASC)

CARLOS ANDRÉ DA R. BITTENCOURT
COORDENADOR CENTRO POP.
MATRICULA 301489